

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DOS TERRITÓRIOS TRADICIONAIS QUILOMBOLAS

PEDAGOGICAL PRACTICES FOR CULTURAL AND IDENTITY VALUE OF TRADITIONAL QUILOMBO TERRITORIES

PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS PARA LA VALORIZACIÓN CULTURAL E IDENTITARIA DE LOS TERRITORIOS TRADICIONALES QUILOMBOS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-118>

Data de submissão: 11/05/2025

Data de publicação: 11/06/2025

Eliane Cristina Leite dos Santos

Mestrado em Educação em Gestão de Ensino da Educação Básica

Universidade Federal do Maranhão

E-mail: negra.cristina79@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2659-0101>

CV: <http://lattes.cnpq.br/3697480928741147>

Mariléia dos Santos Cruz

Doutorado em Educação

Universidade Federal do Maranhão

E-mail: euluena@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2688-7653>

CV: <https://lattes.cnpq.br/7265625064123652>

RESUMO

A população afro-brasileira pertencente ao território tradicional quilombola carece de um processo educacional inclusivo, que compreenda as particularidades individuais e coletivas de seus discentes, respeitando os valores costumes e tradições de seu povo. O objetivo deste estudo é discutir como práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombo podem ser desenvolvidas em escolas quilombolas. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo, desenvolvida em uma escola quilombola de Matões do Norte-MA. Entrevistas semiestruturadas foram instrumentos de coleta de dados junto à coordenação pedagógica e ao corpo docente da escola. Como resultado, foi possível a produção de uma série de orientações didáticas explorando a cultura quilombola, favoráveis à construção de práticas de ensino focadas na valorização dos saberes tradicionais dos territórios. As conclusões apontam para a importância de fortalecer o processo de ensino a partir da valorização dos saberes, cultura e tradição da população quilombola.

Palavras-chave: Educação quilombola. Saberes tradicionais. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The Afro-Brazilian population living in traditional quilombola territories lacks an inclusive educational process that understands the individual and collective particularities of its students, while respecting the values, customs and traditions of its people. The objective of this study is to discuss how pedagogical practices that promote the cultural and identity of the remaining black people of quilombos can be developed in quilombola schools. The methodology used was field research, carried out in a quilombola school in Matões do Norte-MA. Semi-structured interviews were used to collect data with

the school's pedagogical coordinators and teaching staff. As a result, it was possible to produce a series of didactic guidelines exploring quilombola culture, which are favorable to the construction of teaching practices focused on valuing the traditional knowledge of the territories. The conclusions point to the importance of strengthening the teaching process based on the appreciation of the knowledge, culture and tradition of the quilombola population.

Keywords: Quilombola education. Traditional knowledge. Pedagogical practices.

RESUMEN

La población afrobrasileña que vive en territorios quilombolas tradicionales carece de un proceso educativo inclusivo que comprenda las particularidades individuales y colectivas de su alumnado, respetando al mismo tiempo los valores, las costumbres y las tradiciones de su pueblo. El objetivo de este estudio es analizar cómo se pueden desarrollar prácticas pedagógicas que promuevan la cultura y la identidad de la población negra quilombola restante en las escuelas quilombolas. La metodología empleada fue una investigación de campo en una escuela quilombola de Matões do Norte, MA. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas para recopilar información con los coordinadores pedagógicos y el profesorado de la escuela. Como resultado, fue posible elaborar una serie de directrices didácticas que exploran la cultura quilombola, las cuales favorecen la construcción de prácticas docentes centradas en la valoración de los conocimientos tradicionales de los territorios. Las conclusiones señalan la importancia de fortalecer el proceso de enseñanza basado en la valoración de los conocimientos, la cultura y la tradición de la población quilombola.

Palabras clave: Educación quilombola. Conocimientos tradicionales. Prácticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

No contexto de luta pela liberdade, os quilombos surgiram como ferramenta de resistência indispensável no processo de sobrevivência dos negros escravizados que conseguiam escapar dos cárceres vividos nas senzalas, dos castigos severos, trabalhos exaustivos nas grandes plantações e engenhos das fazendas no Brasil. A princípio, os quilombos foram construídos em locais escondidos de mais difíceis acessos, definidos estrategicamente para garantir a sobrevivência daqueles que conseguiam escapar do regime de escravidão.

Segundo Silva (2022, p. 2):

Os quilombos, conforme mencionado, surgiram em meados do século XVI e foram resultado da resistência dos africanos escravizados. Esses escravos eram trazidos ao Brasil por meio do tráfico negreiro e usados aqui, principalmente, na produção do açúcar. A残酷da de da escravidão, marcada por agressões físicas, trabalho extenuante, má alimentação etc., motivava a resistência escrava.

Por séculos, o povo negro africano e afro-brasileiro teve de camuflar os saberes trazidos pelos seus ancestrais que aqui chegaram em navios negreiros, subjugados em condições desumanas, tendo de adequar-se às crenças e cultura dos seus senhores para a preservação da vida. Contudo, ao chegarem aos quilombos ou mocambos, os negros fugitivos do regime de escravidão entendiam esse lugar como território de resistência e preservação dos seus costumes e tradições. De acordo com Oliveira (2019, p.1):

O tratamento violento e as péssimas condições de sobrevivência oferecidas pela casa grande, faziam com que os negros escravos procurassem uma nova forma de viver que não fosse aquela. Para muitos não era fácil fugir, quando encontrados sofriam violência pior, mas aos que conseguiam, tentavam construir uma nova vida formando famílias e pequenas comunidades.

No território quilombola essa população alimentava a esperança da continuidade de sua descendência, como também encontrava a força para continuar lutando pela sua liberdade e dos demais irmãos que permaneciam em situação de escravidão.

Caracterizar o Brasil como um país quilombola, que apresentou este tipo de formação social em todo o seu território, é algo necessário, já que, conforme Moura (1981) afirma, com base em estudo da toponímia do Brasil, o quilombo não foi um fenômeno esporádico. É indiscutível a sua existência em todo território nacional, em todos os locais, tais como: vilas, povoados, cidades entre outros. Foram comuns até mesmo em locais marcados por acidentes geográficos, assim também como em áreas urbanas, conforme esclarecido por Schwarcz (2018).

Dessa forma, comprehende-se o quanto necessário e imprescindível trazer para o âmbito escolar as discussões sobre temáticas direcionadas às relações étnico-raciais, em especial, nos territórios tradicionais, que estão distribuídos em quase todos os estados do Brasil, com exceção de Acre e Roraima, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Mesmo com essa significativa presença dos territórios quilombolas no Brasil, ainda nos deparamos com a invisibilidade dos saberes quilombolas no contexto escolar. A cultura e história do povo negro africano e afro-brasileiro e suas contribuições na formação e desenvolvimento da sociedade ainda são tópicos carentes nos currículos das escolas públicas.

Pelo exposto, reafirmamos a importância de intensificar, nas escolas pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas, propostas pedagógicas curriculares que tenham como referencial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, assim como a efetivação da Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96- (LDB), que regulamenta a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da educação básica (Brasil, 2022).

Acreditamos que a efetivação das referidas leis e diretrizes criadas para direcionar o ensino nas escolas quilombolas a partir do ensino com destaque nas vivências de seu entorno poderá fortalecer, de forma expressiva, a organização comunitária dentro dos territórios. Desse modo, o desenvolvimento da educação em escola quilombola contemplando saberes culturais dos territórios tradicionais, poderá contribuir com a conquista de direitos fundamentais e aplicação de políticas públicas de valorização do povo negro pertencentes aos quilombos urbanos e rurais das comunidades onde as escolas estão inseridas.

A presente pesquisa visa contribuir no fortalecimento e valorização da identidade negra remanescente de quilombo, a partir da inserção e desenvolvimento das temáticas étnico-raciais no cotidiano das escolas pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas. O objetivo deste trabalho é propor orientações didáticas explorando a cultura do território tradicional quilombola no currículo escolar.

O presente artigo, reúne informações sobre: o desenvolvimento metodológico da pesquisa; uma exposição sobre o território quilombola Santo Antônio, onde a escola pesquisada está localizada, em Matões do Norte (MA), sendo contemplados resultados do estudo de campo desenvolvido; seguido de uma abordagem sobre as propostas didáticas para o ensino a partir de elementos da cultura quilombola. Para finalizar, destacamos as conclusões da pesquisa.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, realizamos uma pesquisa de campo em uma escola quilombola do Município Matões do Norte (MA), visando a construção de um diagnóstico para entender como se desenvolve o processo educacional em relação à vivência de práticas culturais voltadas para o fortalecimento da identidade étnico-cultural dos remanescentes de quilombos. A segunda parte do estudo envolveu a construção de orientações didáticas contemplando a inserção dos saberes dos povos quilombolas no currículo da escola do quilombo.

Na primeira fase do estudo, procuramos observar o cotidiano da comunidade escolar e sua relação com o entorno, além da realização de entrevistas semiestruturadas junto à equipe de coordenação pedagógica e com o corpo docente da escola. Buscando mais informações sobre histórias, contos e lendas vivenciados no território quilombola objeto do estudo. Realizamos também rodas de conversa e de contação de histórias com membros da comunidade quilombola, onde tivemos acesso a informações importantes que constitui a parte mística vivida pelos ancestrais da localidade.

Para início do processo investigativo recebemos autorização do Secretário Municipal de Educação Cultura Esporte e Lazer, por meio do protocolo da Carta de Apresentação para a Concessão da Pesquisa de Campo, no dia 17 de janeiro de 2024.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 186) “[...] pesquisa de campo tem como objetivo conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

3 COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO: PERTENCIMENTO E RESITÊNCIA CULTURAL

De acordo com informações contidas no Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Lago do Coco, realizado Pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA 2018), o território quilombola de Matões do Norte é composto por 30 comunidades tradicionais, compreendendo a uma área de 38.000 hectares que se estendem da BR-135 até as margens do rio Mearim. A pesquisa realizada contemplou uma destas comunidades a qual foi a tradicional comunidade Santo Antônio, que está localizada na zona rural de Matões do Norte, a 15 km da sede do município. Por ser pertencente a um território tradicional, os moradores carregam a genética dos ancestrais que deram início a formação do quilombo.

A certificação do Quilombo Santo Antônio foi realizada pela fundação Palmares no dia 19 de dezembro de 2011 e tem a sua origem recontada por meio de fatos históricos comprovados por

documentos e utensílios localizados e mantidos em um local preservado, como também pela memória preservada por gerações.

A estrutura física do quilombo conta com uma certa organização, tais como moradias construídas de alvenaria, a disponibilidade de alguns serviços essenciais, entre eles uma escola quilombola para atender as crianças residentes na comunidade. As principais fontes de renda que garante o sustento das famílias, geralmente são advindos da produção da “roça no toco” e de benefícios do governo federal, e mesmo com tantas dificuldades, o povoado sofre pouco com o êxodo rural, permitindo o repassar dos ensinamentos e propriedades de geração para geração.

A origem da comunidade Santo Antônio foi estabelecida onde funcionava uma antiga feitoria, na fazenda Santo Antônio, hoje Povoado Santo Antônio. Terras doadas aos negros que serviam à casa grande e nos trabalhos da igreja que era conduzido pelo Padre Aureliano Antônio Nina (Primeiro dono do território pleiteado). A história de fundação segue duas versões, uma apresentada a partir de utensílios existentes característicos do período da escravidão, documentos e nome dos proprietários que estão ligados genealogicamente aos moradores do quilombo contemporâneo. A outra versão é constituída a partir de um mito fundador, que desperta o imaginário tanto dos griôs da comunidade, como dos seus ouvintes.

As histórias contadas pelos moradores mais antigos da região descrevem a formação do Quilombo Santo Antônio cercada de lendas, horrores dos castigos e açoites que os negros escravizados vivenciavam em seu cotidiano. Relatos apresentados por moradores contam a trajetória de uma negra escravizada que, após receber açoites de seu proprietário, fugiu em meio as matas e durante essa fuga descobriu uma fonte de água potável. Essa descoberta foi usada como moeda de troca para garantir sua liberdade. Situação aceita pelo fazendeiro que enfrentava uma grande escassez de água em sua propriedade e precisava percorrer longas distâncias até o rio Mearim para abastecer sua propriedade. A descoberta da fonte, além de garantir a carta de alforria à negra protagonista dessa história, ainda transformou a qualidade de vida dos moradores da região e auxiliou na formação de outras comunidades, em torno da fonte de água que fora descoberta (INCRA, 2018).

3.1 A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO COTIDIANO DO QUILOMBO SANTO ANTÔNIO

A cultura afro-brasileira é uma das mais ricas e diversificadas do mundo, afirma Freitas (2022). Ela é resultado da mistura de diversas culturas africanas com a cultura brasileira, formando uma identidade singular.

O quilombo Santo Antônio ainda preserva costumes herdados dos seus ancestrais, como: a cura de enfermidades por meio da utilização de plantas medicinais; o cultivo da mandioca e produção de

farinha de forma artesanal; a confecção dos instrumentos utilizados em manifestações culturais, como os tambores usados na percussão da dança tambor de crioula e nos cultos religiosos de matriz africana, que são práticas permanentes no cotidiano do quilombo Santo Antônio.

A continuidades dos costumes também estão presentes no uso do pilão esculpido em madeira para descascar arroz, moer sementes de urucum, na produção de corante e preparação do leite de coco babaçu. A partilha dos alimentos após a colheita, caça e pescaria, as celebrações aos santos com rezas e ladainhas, que reúnem a comunidade, são ações corriqueiras ainda vividas no cotidiano do quilombo Santo Antônio.

As crianças ainda desenvolvem brincadeiras nos terreiros de casa e mantém a tradição de respeito aos mais velhos, a exemplo do ato de pedir a benção ao levantar-se pela manhã e ao deitar-se para dormir ao chegar da noite. No período da Semana Santa (quinta e sexta-feira), mulheres com nome de Maria, seguem um ritual de obediência em respeito ao sofrimento e crucificação de Jesus Cristo.

O acender das fogueiras em homenagem a Santo Antônio e São Pedro ainda são vistos com seriedade, e o passar da fogueira com o compromisso de afilhado, madrinha e comadres, são tidos como atos sagrados. Mesmo com a inserção das tecnologias no cotidiano do quilombo, muito dos costumes e tradições ainda são preservados, e a manutenção dessa cultura advinda com o povo negro escravizados, são consequência da transmissão dos ensinamentos de geração a geração.

A continuidade da transmissão dessas manifestações culturais fortalece os conhecimentos vivenciados pelos quilombolas, possibilitando à geração atual e as vindouras, a vivenciarem os costumes e tradições da comunidade tradicional Santo Antônio, adquirindo novos aprendizados e fortalecendo a memória ancestral.

3.1.1 Interpretações sobre a relevância dos conteúdos sobre as relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas

Visando saber o que pensavam os profissionais entrevistados sobre a relevância dos conteúdos sobre as relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas, em conformidade com o Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola perguntamos aos professores e à coordenação da escola o que eles achavam sobre a relevância de conteúdos da cultura e história da população africana e afro-brasileira em escolas quilombolas.

A maioria entrevistada acredita na importância de trabalhar as temáticas das relações étnico-racial em sala para a valorização e desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos alunos.

Havendo a discordância de 01(um) dos entrevistados sobre a relevância desse conteúdo em sala de aula.

A população negra, ao longo de séculos teve sua história contada a partir de uma visão eurocentrista, e esse fato incentivou em muitos, o desejo de fugir das características e semelhanças de seus descendentes, buscando todas as mudanças possíveis nos seus traços genéticos.

Segundo Carvalho (2019, p. 3,4):

Um dos desafios e objetivos da educação das relações étnico-raciais é o de potencializar por meio da educação a autoestima da população negra (Brasil, 2012), isto é, desnaturalizar a lógica eurocêntrica da narrativa histórica no saber escolar. Fato que consagra abordagens simbolicamente opressivas, legitimando toda uma carga de preconceito e discriminação que permeiam o cotidiano dos brasileiros. Essas representações da identidade negra acabam sendo perpetuadas no ambiente que deveria ser responsável por desconstruí-las: a escola.

Trazer para a sala de aula a verdadeira trajetória dos africanos e afro-brasileiros, seus feitos, as personalidades, as contribuições no desenvolvimento do Brasil, a resistência em busca da liberdade e direitos, certamente despertará um sentimento de pertencimento e orgulho de suas origens. O que antes era visto como seres que nasceram escravos e aceitaram essa condição, a pessoas que foram obrigadas a viver numa situação sub-humanas, mas que não aceitaram e lutaram fortemente por suas liberdades.

Outra pergunta que direcionamos aos entrevistados foi sobre o entendimento deles acerca das políticas sociais direcionadas à população remanescente de quilombo, se contribuem para o bem-estar, fortalecimento da identidade e cultura nos territórios tradicionais

As respostas apresentadas demonstram uma clara insatisfação no que diz respeito à aplicabilidade das políticas públicas direcionadas aos territórios tradicionais, já que as dificuldades no acesso, fragilizam os movimentos que lutam pela efetivação desses direitos.

Sabemos que a partir de muitas lutas dos movimentos sociais organizados, a população negra e remanescentes de quilombo conquistou direitos fundamentais à terra, moradia, cultura, saúde e educação etc., no entanto, para ter acesso a esses benefícios as comunidades necessitam de organização e resistência para vencer os processos burocráticos.

Pereira (2024, local 13) afirma que:

[...] a inclusão da população quilombola como destinatários das políticas públicas, exige a abordagem das instituições que promoveram as políticas públicas e de seus agentes, com uma atenção capaz de lidar de forma coerente com as especificidades deste povo devido às suas formas distintas de organização social e cultural. Logo, as ações de desenvolvimento voltadas para essa população devem seguir estratégias pautadas em um modelo de desenvolvimento, baseadas nas características territoriais e nas particularidades culturais dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, visando a sua sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política.

As dificuldades de acesso às políticas afirmativas direcionadas aos territórios quilombolas, traz insegurança em relação a aquisição desses benefícios, fazendo com que algumas comunidades passem a serem registradas como assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ou Instituto de Colonizações e Terras do Estado do Maranhão (ITERMA).

O ensino das relações étnico-raciais na escola quilombola estudada, segundo respostas apresentadas durante a entrevista, já é algo pensado e, que até já foi trabalhado no âmbito escolar. Os professores, que são os executores, que estão na base, no chão da escola, esclareceram que essas ações tiveram início no ano (2024), a partir do projeto de leitura elaborado pela Secretaria Municipal de Educação Cultura Esporte e Lazer, para o município de Matões do Norte. Apenas um entrevistado achou por bem não expor opinião a respeito.

O ensino de qualidade é um direito de todos e propicia ao aluno e a comunidade adjacente, oportunidades de mudança de realidade, principalmente aos que por muitos anos viveram a margem da sociedade, sendo subjugados.

As diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, nos traz a seguinte afirmativa:

A oferta da educação escolar para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação; porém, o histórico de desigualdades, violência e discriminações que recai sobre esses coletivos afeta a garantia do seu direito à educação, à saúde, ao trabalho e à terra. Nesse sentido, atendendo aos mesmos preceitos constitucionais, pode-se afirmar que é direito da população quilombola ter a garantia de uma escola que lhe assegure a formação básica comum, bem como o respeito aos seus valores culturais. Para tal, faz-se necessário normatização e orientações específicas no âmbito das políticas educacional e curricular. (Brasil, 2012 p. 440).

Carvalho (2019, p. 6, 7) apresenta pontos norteadores de como a educação escolar quilombola precisa ser efetivada, descrevendo desde a necessidade de haver nas escolas dos territórios tradicionais, professores habilitados na área e acesso a formação continuada. Um importante requisito para o bom desempenho do processo de ensino e funcionamento da instituição é a construção do projeto político pedagógico, realizado conforme a especificidade local onde estão inseridos.

Assim, os debates acerca da Educação Escolar Quilombola giram em torno de alguns pontos cruciais para a sua realização: 1) Formação inicial e continuada de professores(as) para que possam se qualificar para atuação nas comunidades quilombolas; 2) Um currículo que possa ressignificar a identidade e a cultura negra; 3) Atividades e materiais pedagógicos que possam abordar com equidade as relações Étnico-Raciais e a contribuição das diferentes matrizes étnicas na formação do Brasil; 4) uma educação que seja pensada mediante as relações entre o saber formal disponibilizado

pela governo e que abrange o conhecimento necessário para a relação com a sociedade em geral e o saber historicamente construído na comunidade através das práticas, das danças, do trabalho, da religiosidade, da relação com a terra, com a memória etc; 5) condições necessárias para permanência dos indivíduos no espaço escolar e no território em geral; 6) participação de membros e representantes da comunidade na construção curricular da escola; 7) que o projeto político pedagógico seja realizado mediante o diagnóstico prévio que valorize os contextos específicos de cada comunidade quilombola (sua economia, trajetória, memória, relação com a terra etc.).

Os pontos norteadores estabelecidos pela DCNs, impulsionam os entes federados a desenvolverem em suas instituições de ensino, um processo educativo que busque resgatar de forma honrada, a história, cultura e tradições do povo negro, repassando aos discentes, o quanto foi e continua sendo essencial, a contribuição dos ancestrais na construção e desenvolvimento do Brasil.

De acordo com Soares (2016, p. 6):

[...] a Educação Escolar Quilombola se constitui numa ação afirmativa visando quebrar o amuleto das injustiças históricas, de intervir e dissolver as marcas colonizadoras imbricadas nos saberes escolares, e, sobretudo, vislumbrar a possibilidade de imprimir uma carga de reparação cultural e material à população negra que arrasta uma situação de desvantagem social histórica.

A compreensão de que se precisa fazer algo para mudar e reconstruir as heranças históricas de um povo demonstra o quanto avançamos no que diz respeito à ações reparatórias, no entanto, ainda continuamos gritando por socorro, quando vivenciamos as políticas de faz de conta estruturadas no papel.

Avançamos de fato, quando presenciamos leis que tornam obrigatórios o formato de ensino preocupado em fomentar a evolução da população negra, assim como a compreensão sobre os esforços para trazer à tona um ensino, que tem em sua essência, o fortalecimento da identidade e valorização cultural dos territórios tradicionais.

4 PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO A PARTIR DE ELEMENTOS DA CULTURA QUILOMBOLA

Dentre as várias manifestações culturais observadas no quilombo Santo Antônio, escolhemos alguns elementos da cultura quilombola a serem utilizadas como foco para organização de propostas didáticas voltadas para o ensino comprometido com o fortalecimento identitário e cultural quilombola por meio do currículo escolar.

Para fortalecer as contribuições direcionadas nessa pesquisa, o presente trabalho ofertará sugestões de atividades lúdicas e interativas, produção artística e oficinas a serem desenvolvidas com

os discentes em sala de aula e moradores da comunidade, a partir das ações culturais vivenciadas no cotidiano do quilombo Santo Antônio.

Dentre as manifestações selecionadas estão: o Tambor de Crioula; As Práticas Curativas das Benzedeiras; Tradição Oral e Contação de Histórias; A Palmeira do Coco Babaçu e Explorando o Pilão de Madeira e Forno de Torrar Farinha como elementos de cultura material. A seguir cada uma dessas temáticas estão sendo apresentadas com orientações para o desenvolvimento de práticas pedagógicas.

4.1 TAMBOR DE CRIOULA

Nascido nos quilombos maranhenses, ainda no período escravocrata como afirma Lourenço (2023), o tambor de crioula é uma das mais importantes rodas de danças afro-brasileiras, sendo alento para muitos negros, pela integração e momentos de lazer, numa tentativa de amenizar as dores e sofrimentos causados pelos atos cruéis da escravidão.

Os tambores são instrumentos de percussão característico do povo negro (Figura 1). Os batuques soam os clamores da ancestralidade e celebram as lutas e conquista por liberdade, sendo ela em várias esferas, entre elas, a de expressão cultural e religiosa.

Representação indiscutível da materialidade das tradições originárias do povo negro africano e afro-brasileiro, o tambor é importantíssimo nas expressões culturais, como as danças de roda, e indispensável nos locais de cultos de religiões de matriz africana, como os terreiros de umbanda, candomblé, terecô, etc. Em sua execução, define o ritmo e desenvolve de forma marcante, a condução das apresentações.

Nos quilombos, os tambores são esculpidos de forma artesanal, onde o seu corpo é moldado em troncos de madeira, como: Sapucaia e Pau D'arco. A cobertura que antes era de coro de animal silvestre, como veado, jacaré e sucuri, atualmente é de pele de bovinos. Essa substituição, de acordo com os tambozeiros, prejudica o desempenho nas apresentações, pois não reproduzem a mesma qualidade de som.

O tambor de crioula, conforme o que afirma Fernandes (2022), representa uma das grandes formas de expressão de matriz afro-brasileira, sendo praticado como divertimento ou em devoção a São Benedito. As suas apresentações envolvem dança circular, com rodopios e passes livres que geralmente são praticados por mulheres, que completam a coreografia no centro da roda, saudando e convidando com a punga ou umbigada. Já a percussão de tambores e canto, é mais praticada pelos homens.

Criado na Comunidade Quilombola Santo Antônio, o Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio a mais conhecida manifestação cultural do território, sendo por muitos anos destaque nos

eventos realizados no município e cidades adjacentes. Com o passar do tempo foram sendo esquecidos perdendo visibilidade e seus organizadores declararam sentir-se desvalorizados.

Manter viva a cultura e as tradições requerem muitos esforços, dedicação e investimentos. A valorização do tambor de crioula e de outras manifestações culturais que são vistas como características de um povo, representa a manutenção de heranças históricas, cultivar essas manifestações culturais demonstra crença e devoção depositadas sobre elas. A extinção dessas manifestações culturais poderá provocar impacto desastroso na construção da identidade quilombola das novas gerações. Isto porque leva a uma ruptura de costumes que prejudica a formação das próximas gerações que não terão oportunidade de vivenciá-las.

Figura 1: Trio de tambores sendo aquecidos próximo à fogueira para afinação do som



Fonte: Oliveira, José Benedito, ago. 2024.

A produção dos tambores no quilombo de Santo Antônio, comprova a continuidade dos ensinamentos repassados pelos ancestrais, e o repassar dessa cultura possibilita a construção e manutenção da memória coletiva e individual dos residentes no território. Isso possibilita o fortalecimento da identidade negra a partir da vivência com os saberes populares e suas manifestações.

Vejamos a seguir, as propostas didáticas sugeridas:

4.1.1 Os tambores e o som da ancestralidade

4.1.1.1 Sensibilização

Iniciar a atividade com explicações sobre os tambores (instrumento de percussão) e a sua presença marcante nas manifestações culturais afro-brasileiras, tais como as danças de roda mais conhecidas nessa região, como tambor de crioula, dança do coco e capoeira, e nos cultos da religião de matriz africana como o candomblé e umbanda, que fazem parte da história e identidade do povo negro remanesce de quilombo.

4.1.1.2 *Ludicidade e Interação*

Realizar um momento de aprendizado e descontração, com a participação de ações do quilombo, para a contação de histórias sobre as expressões culturais que já foram vivenciadas na comunidade, desde os seus ancestrais.

4.1.1.3 *Produção Artística:*

Incentivar os discentes a produzirem letras de músicas para retratarem as formas de expressões culturas vivenciadas no quilombo, as quais podem ser utilizadas nas rodas de Tambor de Crioula da comunidade Santo Antônio.

4.1.1.4 *Oficinas*

Com a presença do professor, alunos serão orientados a acompanhar o processo de escolha dos materiais e as fases da construção dos tambores;

Desenvolver aulas de toque dos tambores para os estudantes com orientação dos tambozeiros que se dispuserem a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.

4.2 PRÁTICAS CURATIVAS DAS BENZEDEIRAS

Os saberes tradicionais e populares das benzedeiras, conforme o que diz Silva (2022), se constituem como uma das formas de cuidado à saúde do povo negro, reconhecidos ainda nos dias de hoje. São saberes centrados na religião de matriz africana, usados por gerações para curar enfermidades, que são repassados como heranças ancestrais significativas.

Consideradas personalidades nos territórios tradicionais, as benzedeiras exerceram papéis fundamentais no processo de resistência a escravidão, pois tinham como missão a manutenção da saúde física e espiritual dos escravizados e ex-escravos, com o dom da misticidade contidas nos ritos do benzimento.

A imagem das benzedeiras representa a confiança e a fé de um povo que acredita na religiosidade cultuada pelos seus ancestrais, e essa crença é reafirmada ainda no cotidiano, com a busca de tratamento realizados com benzimentos e ervas que, por séculos, foram a única fonte de cura de enfermidades nos territórios tradicionais.

Conhecer e repassar os ensinamentos deixados pelos ancestrais, contribui com a preservação das tradições e religiosidade representadas pelas benzedeiras, permitindo a manutenção das memórias, e a valorização dos saberes populares que salvaguardou e permitiu, com sua atuação, a continuidade

de muitas vidas. Para o desenvolvimento desse trabalho, apresentaremos propostas de atividades, a seguir:

4.2.1 A fé nas benzedeiras

4.2.1.1 Sensibilização

As atividades terão início com a realização de rodas de conversas com abordagens sobre a importância dos saberes populares advindos dos ensinamentos dos ancestrais para a manutenção da vida nos quilombos, entre eles, o fundamental papel das benzedeiras.

4.2.1.2 Ludicidade e Interação

Proporcionar aulas de campo, com o intuito de visitar as residências e conhecer o cotidiano das benzedeiras e benzedores residentes no território tradicional. Pesquisar benzedores e suas práticas em diferentes regiões do país.

4.2.1.3 Produção Artística

Realizar exposição de imagens mostrando os benzedores e benzedeiras de diferentes regiões do país, para demonstrar que as manifestações religiosas de matrizes africanas estão presentes e fazem parte da construção social e histórica do Brasil;

4.2.1.4 Oficinas

Direcionar os discentes a realizarem entrevistas com familiares e pessoas da comunidade sobre práticas curativas usadas no cotidiano das suas famílias, herdadas dos antepassados. Realizar produção textual discorrendo sobre a experiência vivida na aula campo, comparando práticas das curandeiras com costumes cotidianos das famílias do território, em seguida exposição oral do texto produzido.

4.3 TRADIÇÃO ORAL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A tradição oral é um fator indispensável no processo de formação e manutenção da memória coletiva, e tem a capacidade de despertar o imaginário naqueles que tem o privilégio de ouvir. De acordo com Pereira (2024) podemos definir a tradição oral como um elemento fundamental da cultura brasileira, que permite a transmissão dos conhecimentos, histórias e valores de geração em geração.

As histórias, contos e lendas são ferramentas indispensáveis para o fortalecimento da identidade da população residente nos territórios tradicionais, pois permite às gerações seguintes, construir

conhecimentos e realizar registros sobre a forma de vida de seus ancestrais, para que os seus feitos e ensinamentos não caiam no esquecimento com o passar dos tempos.

A oralidade, conforme o que diz Nogueira (2022), é sem dúvida uma das maneiras mais eficiente no repasse e registro da cultura e da história brasileira. Tendo como exemplo as contações de histórias dos avós, que são vistas como narrativas capazes de atravessaram gerações.

As narrativas que reafirmam o misticismo e manifestação da fé religiosa do povo negro relembram as fases difíceis vividas no quilombo de Santo Antônio, quando ao enfrentar a escassez de água, os moradores da comunidade reuniam-se e em procissão, iam até a capela, pegavam a imagem de Santo Antônio no oratório e levavam até uma das residências sem avisar o seu proprietário. As visitas eram acompanhadas de rezas e ladinhas com pedido de chuva, e só retornavam ao santuário quando fosse alcançado o milagre. Conforme os relatos, a graça era sempre alcançada de forma imediata.

As transformações de pessoas em bichos nas noites de lua cheia, a aparição de Mãe D'água, sentada na beira do poço descoberto pela escrava, que deu origem à comunidade, as rezas de encantamento que permitiam a pessoa se esconder atrás de qualquer árvore, usadas para fugir de ameaças e salvaguardar a vida, são amostras das histórias, contos e lendas que enriquecem a tradição oral do território (Figura 2). A tradição oral no quilombo retrata vivências, crenças características de um povo, resgatam os feitos e contribuições dos ancestrais e alimentam a imaginação das gerações seguintes, fortalecendo a memória coletiva da comunidade.

Figura 2 – Contação de histórias sobre as manifestações culturais no território quilombola



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024.

Vejamos a seguir, as propostas didáticas sugeridas:

4.3.1 Tradição oral e a manutenção da memória coletiva do povo negro

4.3.1.1 Sensibilização

O início da aula acontecerá com a sensibilização sobre o sentimento de pertencimento ao território quilombola, explicando os fatores que os tornaram tradicionais, e a importância de conhecer a história e formação da comunidade em que estão inseridos.

4.3.1.2 *Ludicidade e Interação*

Após um momento de sensibilização sobre a importância de ouvir os mais velhos da comunidade para a manutenção da memória coletiva do território tradicional, os educandos serão direcionados a realizar uma pesquisa, que envolva os pais e pessoas do quilombo, com o intuito de identificar as pessoas mais idosas nas comunidades mapeadas do território quilombola de Matões do Norte.

4.3.1.3 *Produção Artística*

Desenvolver momentos de homenagens aos anciões do território, por meio de produção e exposição de suas biografias, ressaltando a importância de seus feitos, no que diz respeito, ao desenvolvimento das comunidades tradicionais.

4.3.1.4 *Oficinas*

Confeccionar cartazes, com fotos, ou reproduções de imagens das pessoas mais velhas do território tradicional, e disponibilizá-las em formato de exposição permanente no pátio da escola.

Realizar produções textuais em forma de histórias, contos, versos e poemas, destacando os feitos dos anciões, com o intuito de reafirmar as suas importantes contribuições para as comunidades.

4.4 A PALMEIRA DO COCO BABAÇU

A palmeira do coco babaçu é considerada fonte de riqueza natural, pois dela tudo pode ser aproveitada, tornando-se assim símbolo de sustentabilidade. Ela tem grande importância cultural e econômica, principalmente para as famílias pertencentes às comunidades tradicionais, que tem o extrativismo do babaçu como fonte e garantia de renda e conservação dos costumes.

Descrita com tanto orgulho por Antônio Gonçalves Dias em seu poema *Canção do Exílio* (1843), que longe de sua terra natal, retrata a sua saudade do Maranhão, com a direta e imponente afirmação: “Minha Terra tem Palmeiras...”. Assim como foi destaque para o grande poeta maranhense, a palmeira do babaçu também serve como fonte de inspiração para muitos outros artistas que com seu trabalho artesanal, transformam sua matéria prima, em verdadeiras obras de arte.

Utensílios como cofos, esteiras, abanos, chapéus etc. são confeccionados com as palhas da palmeira, matéria essa que se usada junto com o tronco e serve na construção de moradias.

Figura 3 - Ninhos para galinhas e casa com cobertura de palha da palmeira do coco babaçu



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024.

Das amêndoas ou caroços são extraídos o leite que serve como base para produção de outros alimentos, assim como o azeite, óleos que além do uso culinário, também são utilizados em produtos de limpeza e cosméticos. Sem esquecer do mesocarpo, massa retirada da casca do coco, que também é ingrediente principal em diversas receitas de pão, bolo, sorvetes etc., que é muito rico em nutrientes.

O fruto (coco) é muito usado na produção de peças artesanais de decoração e confecção de acessórios como colar, pulseira, brincos, entre outros, e as partes das cascas descartadas, após a retirada das amêndoas e do mesocarpo, são usadas comumente na produção de carvão, usado no preparo dos alimentos.

Pelo que aqui foi exposto e por tudo o que não foi discorrido, torna-se impossível mensurar o quão é importante a preservação e manutenção das reservas de palmeira do coco babaçu, pois além de fornecer essa expansão de riqueza natural, ela proporciona o sustento. É vista como elemento de representatividade cultural para o estado e, principalmente, para as comunidades quilombolas e suas resistentes quebradeiras de coco.

A seguir, sugestões de atividades a serem trabalhadas:

4.4.1 A palha da palmeira do coco babaçu

4.4.1.1 Sensibilização

Os discentes receberão explicações sobre a importância da palmeira do coco babaçu, para a manutenção dos quilombos, a partir da produção de alimentos como (leite, azeite, mesocarpo, bolo, sorvete, biscoito, pão etc.), nas moradias (cobertura, paredes, portas e janelas e outros itens utilizados no cotidiano), artesanato, carvão e o simbolismo que a planta representa.

4.4.1.2 *Ludicidade e Interação*

Realizar visitas em residências de moradores da comunidade, buscando identificar outros materiais confeccionados com a palha do coco babaçu, para despertar o interesse e curiosidade dos discentes sobre essa utilização dos meios naturais na forma de produção artesanal.

4.4.1.3 *Produção Artística*

Producir um pequeno documentário, com a participação da comunidade, sobre a importância da palmeira do coco babaçu para a sustentabilidade das famílias que pertencentes o quilombo Santo Antônio, com destaque às quebradeiras de coco.

4.4.1.4 *Oficinas*

Com o auxílio de um morador da comunidade, mostrar para os estudantes como ocorre o processo de escolha e extração da palha, para a confecção de esteiras, cofos e abanos.

Reunir os estudantes na área externa da escola para acompanharem o trabalho do artesão durante a confecção esteiras, cofos e abanos, com intervenções e diálogos para retirar as dúvidas;

Com pequenas partes da palha da palmeira, incentivar os alunos a fazerem seus primeiros trançados;

Desenvolver diálogos, solicitando aos alunos que compartilhem um pouco de sua experiência durante as fases da realização da oficina.

4.5 EXPLORANDO O PILÃO DE MADEIRA E FORNO DE TORRAR FARINHA COMO ELEMENTOS DE CULTURA MATERIAL

Objetos como o pilão de madeira e o forno de torrar farinha são objetos ainda em uso no cotidiano dos quilombos que, para serem manuseados, requerem a aplicação do exaustivo trabalho braçal. São objetos que foram usados pelos escravizados e demonstram o quanto era sofrido o trabalho em regime de escravidão.

Para o reconhecimento dos territórios tradicionais, além dos relatos das histórias, os costumes, crenças e tradições que caracterizam a origem da localidade, também são necessárias comprovações materiais, que possam ser vistas e de certa forma tocadas, como no caso do território onde está localizada o quilombo Santo Antônio, que guardam vários utensílios reconhecidos como da época da escravidão, entre eles, um forno de torrar farinha, que só na posse da tradicional família Martins está há mais de 100 anos.

Explorar os territórios tradicionais nos permite conhecer a sua história e origem de seu povo, assim como nos faz compreender o quanto foi necessário ser resistência para vencer o processo escravista e suas crueldades.

O processo de produção de farinha, em todas as etapas, ainda é realizado de forma rudimentar. É essencial para a manutenção da memória coletiva, manter em exposição, utensílios e ferramentas como o pilão de madeira e o forno de farinha usados no período da escravidão no Brasil, pertences como os pomposos lustres da casa grande, assim como os grilhões usados para prender e castigar os negros escravizados que viveram nos quilombos, pois estas materializam a tradição oral e permite às novas gerações conhecer e respeitar a origem e as lutas de seu povo. Contudo, são necessários e urgentes viabilizar meios para que o progresso alcance essas comunidades tradicionais, não a descaracterizando, mas sim proporcionando qualidade de vida a seus moradores.

Confira as propostas didáticas, a seguir:

4.5.1 Pilão de madeira e forno de torrar farinha

4.5.1.1 Sensibilização

Fazer uma breve explanação sobre como aconteciam os trabalhos braçais no período da escravidão no Brasil, relacionando algumas ferramentas que eram utilizadas na preparação dos alimentos, destacando itens que continuam presentes no cotidiano do quilombo, tais como: o pilão de madeira, usado no processo de pilar arroz, triturar o caroço do coco, para a extração do leite e azeite, da semente do urucum para o preparo do corante usado como tempero, entre outros; e o forno que, além de torrar farinha, também serve para outras ações entre elas, assar bolo, preparar beiju, e torrar arroz para facilitar a extração da casca.

4.5.1.2 Ludicidade e Interação

Realizar exposição de peças confeccionadas com a palha do coco babaçu, para despertar o interesse e curiosidade dos discentes sobre a forma de produção.

4.5.1.3 Produção Artística:

Producir um mural para fixar no pátio da escola, registros fotográficos com utensílios catalogados como pertencentes ao período escravocrata, existentes no território quilombola de Matões do Norte.

4.5.1.4 *Oficinas*

Com o auxílio de um morador da comunidade, mostrar para os estudantes como ocorre o processo de escolha e extração da palha, para a confecção de esteiras ou esteiras, cofos e abanos;

Reunir os estudantes na área externa da escola para acompanharem o trabalho do artesão durante a confecção esteiras ou esteiras, cofos e abanos, com intervenções e diálogos para retirar as dúvidas.

5 CONCLUSÃO

Passamos a vida lutando, para adquirir conhecimentos, conquistar espaços, para sermos vistos e principalmente, para sermos respeitados. E as batalhas diárias tornam-se mais árduas quando não temos direcionamentos e não reconhecemos o território e as formas de vida onde teremos que estabelecer estratégias de resistência.

Conhecer a origem e história do nosso povo, seus feitos e contribuições para o desenvolvimento desse país, nos fortalece para os embates contra a desvalorização, o racismo velado e estrutural, assim como nos conduz para a garantia e efetivação de direitos.

Compreendemos dessa forma, a necessidade de fortalecer o processo de ensino para garantir uma aprendizagem que tenha em seu contexto, as relações étnico-raciais e que proporcione a valorização dos saberes, cultura e tradição da população afro-brasileira.

Acreditamos que alcançaremos resultados positivos com a aplicabilidade da lei 10.639/03 e as Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, nas escolas dos territórios tradicionais, pois este ensino traz a luz a verdadeira história do povo negro, com sua trajetória no continente africano e no Brasil. Essas práticas, certamente impactarão de forma positiva no desenvolvimento dos estudantes, pois a eles serão repassados os valores, costumes e tradições advindos dos seus ancestrais.

Esperamos que as atividades apresentadas contribuam no cotidiano escolar, e que seja ferramenta importante para o desenvolvimento do ensino, formação de pessoas capazes de se autor reconhecerem de acordo com suas origens e orgulho daqueles que os antecederam.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente: ao Programa de Pós-Graduação Gestão do Ensino na Educação Básica-PPGEEB/Universidade Federal do Maranhão, à gestão municipal de Matões do Norte, à Secretaria Municipal de Educação Esporte e Lazer (SEMECEL), à comunidade quilombola Santo Antônio e à Escola Municipal Santo Antônio III.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília, DF, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, José Emerson Máximo De. Educação Escolar Quilombola e os Desafios para a sua Implementação na Comunidade Cruz. In: Anais do I Congresso Nacional do Profhistoria. Anais...Salvador (BA) IAT, 2019.

FERNANDES, Fernanda. Tambor de Crioula. Cultura. Cultura afro-brasileira. Dança. Música. Revista eletrônica MultiRio. 22 de fev. 2022. Disponível em: <https://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17567-tambor-de-crioula>

FREITAS, Lucas. Resistência Quilombola: A Luta Pela Preservação da Cultura Afro-Brasileira. Revista Eletrônica, Rabiscos da História, 2022. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/resistencia-quilombola-a-luta-pela-preservacao-da-cultura-afro-brasileira/>

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Relatório Antropológico da comunidade Lago do Coco, São Luís/MA: 3R Tecnologia Ambiental; INCRA-MA, 2018.

LOURENÇO, Marina. O que é tambor de crioula, tradição quilombola que afina instrumento a fogo. Folha de São Paulo 20 de jun. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-tambor-de-crioula-tradicao-quilombola-que-afina-instrumento-a-fogo/>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 5 ed., São Paulo: Atlas, 2003.

MOURA, Clóvis. Rebeliões na Senzala: quilombos, Insurreições, Guerrilhas, São Paulo, Ed. Ciências Humanas. 1981.

NOGUEIRA, Lívia. O Papel da Tradição Oral na Preservação da Cultura No Brasil. Lab Dicas Jornalismo. Cultura, 21 de nov. 2022. Disponível em:<https://labdicasjornalismo.com/noticia/12180/o-papel-da-tradicao-oral-na-preservacao-da-cultura-no-brasil>

OLIVEIRA, Wallace. Quilombolas enfrentam dificuldades para garantir seu direito ao território. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/11/21/quilombolas-enfrentam-dificuldades-para-garantir-seu-direito-ao-territorio/>.

PEREIRA, Timna da Paixão Fagundes. Os quilombos nas políticas públicas brasileiras e seus reflexos na extensão rural. Ciências Agrárias, v. 28, n. 130, jan. 2024.

SILVA, Ronildo Geraldo da. Saberes tradicionais de benzedeiras e os processos educativos da EJA. Repositório Institucional da UFMG- Belo Horizonte, 28 de mar. De 2022. Disponível em:<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43977>

SOARES, Maira. “A gente não quer que essa tradição morra”. A luta das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. Observatório das Favelas. 26, mar. 2024. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/a-gente-nao-quer-que-essa-tradicao-morra-a-luta-das-quebradeiras-de-coco-babacu-no-maranhao/>

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.